

METODOLOGIA COMO UM DOS FATORES IMPRESCINDÍVEIS À SUPERAÇÃO DO ATUAL PROCESSO DISCRIMINADOR NO INTERIOR DAS ESCOLAS DE 1º, 2º E 3º GRAUS DE ENSINO

Maria Imaculada REIS

Fundação de Ensino Superior de
S. João del Rei-MG

RESUMO

Para tentarmos refletir a metodologia como um dos fatores imprescindíveis à superação do atual processo discriminador no interior das escolas de 1º, 2º e 3º graus de ensino, vamos discutir: as grandes correntes filosóficas e a educação; o homem como resultante da ação no mundo pelo trabalho; ciência e educação brasileira contemporânea; a relação da educação com a estrutura social, considerando como pressuposto para análise que o direcionamento da educação atende aos interesses de uma minoria dos homens. E por outro, que a Metodologia é um dos fatores imprescindíveis à superação do atual processo discriminador no interior das escolas de 1º, 2º e 3º graus de ensino, e uma necessidade política para o nosso tempo.

Palavras-chave: dialética; ciência; educação brasileira; estrutura social

SUMMARY

By trying to consider "Methodology as one of the indispensable factors to overcome the present discriminatory process in the

schools of 1st, 2nd and 3rd levels of education, we will discuss: the principal philosophical trends and the Education; the human being as the result of his action in the world through his work; Science and contemporary Brazilian Education; the relationship between education and the social structure, considering as the presupposition for the analysis that, on one hand the education direction meets the interests of a minority. And, on the other hand, that the methodology is one of the indispensable factors to overcome the present discriminatory process in the schools of 1st, 2nd and 3rd levels of education and a political necessity of our time.

1. INTRODUÇÃO

Concordamos com Paro, V. H. em seu livro "Administração escolar: introdução crítica", quando ele considera sabido que a educação como questão histórica é condicionada pela divisão do trabalho, e isto não pode ser menosprezado como fator de desqualificação profissional. Só que para o autor o ponto de partida dessa desqualificação é o processo de degradação das atividades profissionais do educador escolar e o aviltamento de seus salários. "A consequência inevitável foi a baixa qualidade do ensino, num círculo vicioso em que a degradação do produto da escola pode ser identificada, ao mesmo tempo, como ponto de partida e como resultado da desqualificação profissional do educador escolar." (1987, p. 132).

Ao invés de engrossar os movimentos que engendram o "não ter saída", como professora das disciplinas Princípios e Métodos da Administração Escolar, Estágio Supervisionado em Administração Escolar e Estrutura e Funcionamento do Ensino, objetivamos contribuir para a explicitação das estruturas da ciência com as da produção, para que a educação no quadro das relações capitalistas tendam historicamente sob outra qualidade social, ainda que no contexto do capital. Nesse sentido, temos pesquisado na disciplina Estágio Supervisionado em Administração Escolar, como se tem produzido uma prática administrativa escolar na

direção da autonomia, participação e descentralização, e verificando se é dentro ou fora dos moldes da democracia liberal. Este veio consta de uma abordagem de campo. Ao mesmo tempo, para compreendermos a proposta da escola em termos de relacionamentos, de compreensão prática da realidade, realizamos o estudo de um outro veio desta pesquisa - predominantemente teórico, mas com base na pesquisa de campo. Fazemos a tentativa de constatar se a escola propõe reelaborar uma nova forma de viver em sociedade. Consideramos esse segundo veio de caráter filosófico. Assim, com essas disciplinas acadêmicas, centrando a nossa atenção no eixo da educação, procuramos sempre fazer a articulação delas com a filosofia, a economia e a história. A educação, enquanto uma instância da prática social global, é contraditória em seus vários elementos. Justamente pelo seu caráter contraditório, ela tem possibilidade de tender para a realização do homem em suas várias dimensões. Este texto privilegia a concepção de método da educação como uma discussão para melhor compreendermos as contradições da educação, e superá-las progressivamente.

2. O HOMEM COMO RESULTANTE DA AÇÃO NO MUNDO PELO TRABALHO

*Toda ciência seria supérflua,
se a forma de manifestação e
a essência das coisas coincidissem
imediatamente. (MARX)*

A concepção que temos do conhecimento é de uma produção coletiva da experiência humana em geral, condicionada pelas estruturas sociais, pelo desenvolvimento das ciências e marcado por ideologias, crenças, interesses, paixões e outros condicionantes. Não há uma relação mecânica (de causa e efeito) entre interesses sociais, organização do trabalho no interior da unidade produtiva, e conhecimento. O conhecimento passa por um intrincado entrelaçamento de relações históricas, sociais, psíquicas

e é um processo que tem como ponto de partida a prática, a produção material e intelectual herdada da humanidade.

O conhecimento tem vínculo com o caráter de classe, ou seja, ele é um instrumento de expressão daquilo que o homem é nessa sociedade classista; daí, ele pode tender tanto à favor da classe trabalhadora, quanto à favor do capital. A luta entre capital e trabalho produz tanto um conhecimento hegemônico quanto a possibilidade da contra-hegemonia. Por meio da objetividade, da capacidade de dar conta do real, esse conhecimento dá condições aos homens de realizar a transformação da realidade.

Em nosso estudo REIS, M. I. (1991) colocamos que historicamente, no modo de produção capitalista, o homem aliena pelo trabalho seu corpo e sua consciência, e essa alienação abrange a todos os homens, adquirindo eles uma compreensão, um conhecimento invertido do mundo produzido. Entretanto, como a produção social da existência humana é atravessada por numerosas contradições, nesse processo de alienação e a partir dele, o homem tende para a desalienação, quer dizer, para a compreensão da contradição antagônica fundamental: os homens estão divididos em classes, e a riqueza produzida socialmente é apropriada por apenas uma-a capitalista, impondo à outra-a trabalhadora, a exploração do trabalho, a miséria econômica e espiritual. Por aí, vamos percebendo, que o processo de desalienação enquanto compreensão da realidade vai se efetivar provavelmente com a experiência prática-teórica, e por meio de lutas organizadas pelos trabalhadores em busca da satisfação de reivindicações básicas de alimentar, vestir, morar, melhoria das condições de saúde, de ensino.

Temos um embate constante entre ambas as classes, pelo fato de uma manter uma relação hegemônica no plano econômico, político, cultural e intelectual em nome de uma propriedade privada dos meios de produção. Indagamos acerca do conhecimento, instrumento de luta, que produz tanto um conhecimento hegemônico, quanto a possibilidade de transformar a realidade, produzido também socialmente: na sociedade do lucro, o conhecimento tende em favor de quem? para que conhecer? por

quem o conhecimento precisa de ser apropriado na direção da transformação para o bem de toda a sociedade, sem discriminação? como conhecer?

Na sociedade do lucro, o conhecimento tende evidentemente a favor do capital, e vamos clarificar isto melhor quando explicitarmos a relação da ciência com a escola nos seus três graus de ensino. E essas instituições de ensino têm que ser entendidas no quadro das relações entre a estrutura econômica e a superestrutura jurídico - política e cultural como mediação entre as exigências do capital em conexão com a educação das diferentes classes sociais.¹

A importância do "para que conhecer" do ponto de vista do trabalhador, está no fato de que precisamos entender como produzimos e reproduzimos nossa vida para lutarmos no rumo do avanço da história, contra o sistema político e econômico que aí está, contra a divisão capitalista do trabalho, contra o conhecimento escolar fragmentado, contra uma concepção de mundo fragmentada, e a favor da totalidade do conhecimento e da possibilidade da omnilateralidade² do homem enquanto sinônimo do desenvolvimento de todas as suas capacidades, inclusive de consumo e gozo. O mundo necessita de ser socializado, para termos o homem feliz e para tal, todo produto da produção social dos homens, como o conhecimento, tem de ser socializado.

Para construirmos o desenvolvimento total da capacidade de todos os membros da sociedade partindo da situação de divisão antagônica de classes, os trabalhadores precisam assumir essa tarefa, uma vez que a classe dominante se sente à vontade na auto-alienação, pois nesse processo de alienação está o seu poder. Assumir essa tarefa, para a elevação da sociedade para um estágio superior de convivência social, na direção da transformação dessas relações sociais para o bem de todos os homens-mesmo considerando que se tem de submeter a uma longa cadeia de mediações a partir da realidade atual- os objetivos em vista para um futuro à longo prazo, vão nesse rumo.

O homem é resultante da ação no mundo pelo trabalho, do seu comportamento em termos de contribuir para manter ou

transgredir a ordem social entre as classes, da sua participação na vida política (atuando ou se ausentando dela), é resultado do seu acesso ou não à escolaridade numa sociedade letrada e de outros fatores; e por outro lado, o homem não reflete passivamente as influências sociais. E é por meio dessa prática social que temos de travar a luta pelo material e pelo conhecimento.

O processo de descoberta e explicitação das contradições-relativamente ao conhecimento-leva em conta: o espaço dos acontecimentos, a relação de forças, a articulação entre estrutura e conjuntura, o sistema do capital mundial, o sistema do poder político transnacionalizado, as formas de controle, etc.

Na nossa vida diária encontramos, na reconstrução constante dos elos de ligação com a propriedade privada, uma diversidade de contradições, que escapam ao controle do capital. Cumpre à classe trabalhadora explorar tais contradições em função de seu interesse. E ajuntando conquistas, é possível uma vitória qualitativa³ dessa classe. No entanto, não obstante na vida a história constituir-se de movimento, é à custa do sujeito ativo que se faz o desenvolvimento desse processo, é à custa de luta de classe.

Ainda no âmbito das relações capitalistas, mas lutando para a construção de novas relações de produção sociais, a luta pode alcançar sua síntese-negação da negação-transformação recíproca dos contrários, que depende da atividade consciente e propositada dos sujeitos históricos. E essa etapa final é também o início de um novo desenvolvimento.

Acreditamos que segue essa direção a transformação da sociedade, e mais, contando com o saber pessoal, intransferível das camadas populares, reivindicando a escola-um dos locais onde são sistematizados certos conhecimentos que educam o homem, pela organização dos trabalhadores em sindicatos ou coisa que valha, fazendo a nossa luta pelo tempo livre proporcionado pela capacidade da ciência no modo capitalista de produção. Enfim, a transformação social passa pelo exercício de aplicação das leis da dialética, pelo exercício portanto prático da luta pela mudança de correlação de forças contidas na contradição antagonica funda-

mental: trabalho e capital, pela elevação da educação do homem do senso comum à consciência filosófica.

O próprio Gramsci nos alerta para o seguinte: "Na realidade, pode-se prever 'cientificamente' apenas a luta, mas não os momentos concretos dela, que não podem ser senão resultado de forças contrastantes em contínuo movimento, (...)" (GRAMSCI, A., 1974, v. 01, p. 195)

O trabalho, parte vital da atividade humana, é em princípio expressão do conhecimento ou manifestação da própria pessoa, um processo educativo. Essa manifestação tornou-se negativa na condição em que o trabalho está perante o trabalhador como propriedade de outro, e só ao apropriar-se da totalidade dos instrumentos de produção se pode chegar à manifestação pessoal. E a educação escolar, sabemos, é entendida como fator que contribui para o enquadramento dos futuros profissionais no modelo social da economia capitalista, ela tem a proposta relativamente ao conhecimento de qualificar para o trabalho.

Trabalhando pela primeira vez com a disciplina Estágio Supervisionado em Administração Escolar, no 1º semestre desse ano, gostaríamos de apresentar, neste texto, a experiência que meus alunos e eu vivenciamos, sem pretender propor modelo, mas coletivizar uma experiência de trabalho para ser enriquecida e criticada.

É central a minha preocupação com uma Metodologia, que venha privilegiar a análise dos determinantes sócio-políticos, pois creio que é com esta Metodologia que as escolas brasileiras de 1º e 2º graus e a universidade poderão dar sua contribuição de uma efetiva política de organização e acumulação de forças da classe trabalhadora, inserindo as escolas nesse contexto como mediação, com possibilidade contraditória de tender para um conhecimento contra-hegemônico.

Todos os cursandos da disciplina e eu começamos a desenvolver o meu projeto de pesquisa sobre "A questão democrática nas escolas públicas-administração colegiada", como conteúdo e objeto dessa disciplina de Estágio em Administração Escolar (as

diversas relações-professor/aluno, professor/direção), o método de elaboração do conhecimento na escola.

Quanto aos nossos objetivos: partimos do pressuposto de que eleição direta para diretor e implantação de colegiado correspondem à necessidade de democratização das relações dentro da escola. E a partir daí vamos nos atentar para o cotidiano da escola visando investigar:

1. Para que e para quem o colegiado nas diversas escolas, tendo em vista o enfrentamento dos problemas da instituição, e a necessidade de busca da cidadania dos alunos.

2. Como se tem produzido uma prática administrativa escolar na direção da autonomia, participação e descentralização. É dentro ou fora dos moldes da democracia liberal?

3. O estudo do conhecimento que veicula na escola, entendendo por conhecimento a própria compreensão da vida, isto é, das relações sociais, da sociedade, da escola.

Em ligeiras pinceladas vamos mostrar o conteúdo da pesquisa: Eleições diretas para a função de administração escolar no estado de Minas Gerais; o plano de trabalho do diretor; o funcionamento do colegiado; o que é participação na vida da escola; desajustes da sociedade frutos das contradições sociais; a política de verba na escola; critério de qualidade de ensino; como se vivem os aspectos relações professor/aluno, conteúdo ministrado, relações professor/direção no concreto, no dia a dia. (Essa análise do concreto é que nos mostra o conhecimento concreto... O como, isto é, o método de reelaboração desse conhecimento é apreendido na percepção de cada aspecto vivido e na articulação de todos os aspectos.); especialista ou pedagogo; papel do professor e dos especialistas na escola; relação do estado brasileiro com a educação; a educação e a articulação com a estrutura econômica e superestrutura da sociedade; administração escolar e transformação social, etc.

As questões teórico-conceituais foram estudadas sistematicamente, retomando inclusive leituras feitas no semestre anterior, documentos emitidos pelos órgãos oficiais do estado,

textos sugeridos durante o curso pelos alunos, conforme suas necessidades de estagiários para entender a organização e o funcionamento da escola.

A obtenção dos dados pelos estagiários pertinentes às instituições foram obtidos por meio de aplicação de questionários a alguns membros do colegiado e demais pessoas envolvidas com a escola; esse instrumento foi elaborado conjuntamente, entre mim e os alunos. Tivemos a preocupação de elaborar questões precisas e concretas, abarcando nosso objetivo teórico e prático. (Hoje, estamos no 2º semestre do mesmo ano, e já sei de algumas lacunas desse instrumento.) Consideramos importante a participação dos alunos nesse trabalho, pois as nossas discussões teóricas com eles já têm o caráter da abordagem desse projeto.

O que venho analisando, em minha prática, tem um veio que se aproxima às questões pertinentes à Filosofia da Ciência, quando procuro buscar conhecimentos teórico-metodológicos que possam auxiliar-me nas reflexões dessa prática.

Por ora, deixo de falar dessa nossa experiência de Estágio de administração nas escolas, para pensar acerca de que a escola como as diversas outras instâncias sociais não podem perder de vista a questão do caráter histórico da ciência e da tecnologia, que não é neutro, e que portanto é necessário um engajamento político no enfrentamento desse problema pertinente à divisão.

3. CIÊNCIA E EDUCAÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Na verdade, para Marx, só há uma ciência⁴, a Ciência da História que trata de como os homens produzem e reproduzem sua existência como seres humanos. E dentre esses aspectos de produção da vida temos por exemplo o trabalho, a ciência e a educação que não são mais do que uma existência contraditória historicamente determinadas, e que têm formas próprias no modo de produção capitalista.

Historicamente foi negado ao homem, pelo trabalho (subentendido que no final de inúmeras mediações é resultado da relação do homem com seu corpo inorgânico-a natureza), sua característica básica: a natureza de "fazedor de instrumentos". Restando ao trabalhador a condição de unilateralidade segundo a realidade e a condição de omnilateralidade segundo a sua possibilidade de sujeito histórico. A educação também, condicionada estruturalmente, contribuindo para a reprodução social das classes antagônicas, capitalista e trabalhadora, tem um caráter contraditório e tende a adequar-se à omnilateralidade do homem. Para isso, ela precisa ser direcionada para o desenvolvimento pleno da personalidade. A educação para a omnilateralidade do homem reaproximaria a ciência da produção e dessa maneira, o ser humano realizar-se-ia enquanto fazedor de instrumentos em todas as dimensões, instrumento de trabalho, de prazer, do desfrute da cultura em contraposição à realização dessas atividades de forma alienada.

Sintetizando, a educação escolar, sinônima de conhecimento, tem duas funções a exercer na formação do homem: uma educacional, de alfabetizá-lo para compreender o processo histórico que tende para a emancipação humana e orientar o homem desde criança para a aquisição de conhecimento comprometido com a transformação do mundo. E a outra função é instrutiva para o preparo profissional, para sobrevivência na sociedade industrial letrada.

Na busca da omnilateralidade do homem, e na medida em que a contradição fundamental entre o capital e o trabalho é ponto de partida e de chegada das atividades humanas, vejamos a ciência sob outra qualidade social. A ciência é um conjunto de conhecimentos racionais sistemáticos, produzida socialmente na prática para a construção de um mundo novo, em atendimento às necessidades e atividades de todos os homens indistintamente, ou seja, a ciência é uma tarefa social que, enquanto tal, não entra em contradição com os objetivos de toda a sociedade, e não permite uma diferença duradoura entre peritos e não peritos. Dessa maneira, a ciência requer, cada vez mais, condições sociais em que

cada ser humano possa exercitar sua capacidade criadora e de investigação.

Vejamos agora, segundo ALVIM, C. M. F. (1987) como se dá predominantemente a produção do conhecimento na educação em nossa contemporaneidade como desdobramento da proposta positivista do século passado. No ensino de 1º grau, a criança inicia sistematicamente seu contacto com o conhecimento livresco. E af nessa fase, já se começa a ensinar à criança que o conhecimento é um dado natural, que nos chega espontaneamente pelos sentidos. Também no 2º grau o conhecimento é tratado como algo que flui de algumas mentes iluminadas de sábios, de gênios, cientistas, filósofos-cujos nomes são mencionados não como intérpretes das necessidades da época, que produz frutos, resultados de um trabalho coletivo e de conhecimentos historicamente acumulados mas esses gênios são apresentados como pais do conhecimento, graças a seus dons. O conhecimento é concebido como algo individual e fora da história.

Precisamos desmistificar aquilo que se costuma admitir alienadamente em nosso meio, que o método de produção do conhecimento, de pesquisa e transmissão desse conhecimento se reduz a levantamentos estatísticos e técnicas de coletas de dados. A reorganização de técnicas didáticas que melhor se adaptem aos conteúdos são apresentadas quase sempre como acabadas. A preocupação com a relação professor-aluno, recursos didáticos, avaliação está contida numa visão abstrata, daí eles perdem sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Nessas concepções acerca do conhecimento que encontramos disseminadas e predominantes em nossa sociedade permanece inexplicado o método de produção do conhecimento. É a partir da compreensão histórica da relação conhecimento, homem, natureza que adquirimos uma visão qualitativamente diferente da visão abstrata que se passa nas escolas acerca desses elementos; levando-se em conta o trabalho como atividade humana que transforma o próprio homem e a natureza.

Decorre das posturas metodológicas com relação à elaboração do conhecimento-de esforço espontâneo, e construção

isolada-o emperramento do entendimento entre teoria e prática no sentido de superar a separação entre elas. "Esta relação abstrata-teoria de um lado com seus sábios e a prática de outro com seus executores (técnicos, professores...) vai se cristalizando e se reproduzindo equivocadamente ao longo do ensino de 2º grau e é fortalecida nas Universidades." (ALVIM, C. M. F., 1987, p. 01).

O positivismo que está na base da visão de mundo, separa o homem de um lado e a ciência de outro e esse divórcio normalmente orienta nossa conduta teórica/prática de professores, cientistas, etc.

Ao pensar os processos históricos, que engendram a educação, temos então a proposta tecnicista traduzida do positivismo, como acabamos de colocar nesta reflexão-no sentido do expropriação do conhecimento dos currículos escolares.

A respeito da qualificação do estudante em qualquer grau de ensino, constatamos no nosso estudo REIS, M. I. (1991) que: essa dimensão não leva também, os alunos, à compreensão da realidade do processo histórico no sentido de apreender as relações do homem consigo mesmo, dos homens com as coisas, dos homens entre si com a pretensão do antingimento da emancipação humana e da transformação do mundo.

A qualificação exigida a nível de prática no local de trabalho das pessoas é baseada no aspecto do manejo nesses tempos contemporâneos, após a 2ª guerra mundial. Ainda assim, mesmo se determinados elementos como rapidez, destreza e certas habilidades não são validados socialmente, eles são considerados elementos de qualificação necessários aos operários pelos empregadores para aceitação em qualquer emprego.

No caso da automação (em que não há contato direto com a matéria e em que a intervenção humana se limita a vigiar, acompanhar o funcionamento autômato e corrigir eventuais acidentes), a qualificação nesses termos é também requisito apesar de todo avanço tecnológico. A situação exige do trabalhador uma certa capacidade de leitura e interpretação de dados formalizados, que requer conhecimentos gerais de matemática, desenho, física, etc.

Às mudanças sofridas pela automação são exatamente resultado de produção de conhecimentos novos, por um grupo reduzidíssimo de pessoas, nessa circunstância temos a qualificação em um outro nível, que não o do manejo, mas no que tange a recriar o conhecimento.

Vemos, portanto, que a qualificação feita pela escola para o trabalho capitalista não compensa predominante e geralmente as deficiências que surgem da divisão do trabalho (no sentido da compreensão da totalidade do conhecimento, e a instrução fica no nível do filete da qualificação) uma vez que a qualificação tem tendido a restringir-se a manejo. E simultaneamente, a liberdade, possibilidade da existência contraditória desse trabalho, continua cedendo lugar para a formação de um homem destruído. Insistimos em que o conhecimento fragmentado, que investe na produtividade do capital, pode ser um dos pressupostos para a superação do trabalho como força-de-trabalho, mercadoria. Esta constitui uma necessidade política para o nosso tempo. A intenção deste artigo é colocar a nossa compreensão de como se dá o direcionamento da educação escolar, sinônima de conhecimento, no Brasil contemporâneo; e a possibilidade de transformação da realidade do processo histórico - o processo de qualificação desqualificação é um desdobramento dessa compreensão da educação.

Referindo-nos ainda à situação, objetivos e qualidade da educação escolar pública (organizada e controlada pelo Estado), a qual atende teoricamente à maioria da população brasileira sobretudo no 1.º grau, aproveitamos também para mencionar a condição de outras modalidades de ensino. Com relação ao processo de burocratização da administração pública brasileira e a relação com a educação informa-nos TEIXEIRA: "(...) a educação do brasileiro, (...) passou a ser um processo formal, de mero cumprimento de certas condições externas, que se comprova mediante documentação adequada." (TEIXEIRA, A., 1956, p. 118 e 119). Assim, evidenciamos que estamos considerando a tendência predominante da educação a favor do capital, que vai diferenciar segundo contextos e épocas diversificadas de cada país. Em termos de particularidades, em contraposição a essa tendência e na

direção do desenvolvimento da personalidade crítica e criativa do homem, temos no Brasil atualmente a experiência de escolas públicas adequadas às idéias do construtivismo, método idealizado pelo educador suíço Jean Piaget - em Porto Alegre. Lá, conforme publicação do *Jornal do Brasil*, "a teoria pedagógica há quatro anos começou a ser implantada parcialmente nas 54 escolas de periferia." (...) "No entanto, só em agosto serão inauguradas pela Secretaria de Educação de Porto Alegre as escolas Jean Piaget e Anísio Teixeira, as duas primeiras da rede pública projetadas segundo a proposta pedagógica que elabora o aprendizado a partir da experiência." (... 'Não dá para comparar um sistema que visa o aprendizado com criatividade e outro que privilegia informações decoradas. O nosso sinalizador são as crianças alfabetizadas pelo método construtivista e que superaram a média de aprovação nacional', (...)) (MARCHAND, J., junho, 1992). Temos também a experiência dos CIEPS (Centros integrados de Educação Pública), projeto implantado há seis anos com uma proposta de ensino integral e que oferece atividades extras-esporte, por exemplo. O antropólogo e educador Darcy Ribeiro afirma que "Os CIEPS se fundam num meticuloso programa pedagógico, elaborado com a maior competência, nas linhas recomendadas pelos principais educadores brasileiros, notadamente por Anísio Teixeira." (...) E ainda que os CIEPS (...) "aprovam três vezes mais alunos" do que as escolas correntes. (RIBEIRO, D., outubro, 1991). Além dessas experiências institucionalizadas temos algumas outras tentativas tanto a nível de administração colegiada nas escolas - como caminho possível na construção de uma escola democrática, quanto tentativas de professores na direção de projetos alternativos, embora sejam experiências isoladas.

No mais a educação nas diversas modalidades, enfatizamos, organizada nos mesmos moldes dos princípios de modernização do estado atende aos interesses de uma minoria da população, em nome de um social para todos. Como exemplo disso e conseqüente baixa de qualidade de ensino, veja a exposição de LOVISOLO, H. (1988) inerentes às atuais características do modelo popular ou conscientizador da educação de adultos; consulte CALAZANS, M. J. C. (1985) para verificar a situação de

desprezo do governo para com a educação rural, leia HADDAD, S. et alii (1989) que nos mostram que o ensino supletivo não tem se dado nos termos de uma escolarização menos formal para atendimento das camadas populares. Veja também FREDERICK, A. D. & SILVEIRA, M. J. M. da (1986) sobre o ensino noturno nas escolas de 2º grau, quando os autores nos colocam a tendência do espaço escolar de não atender aos interesses dos que dela tem necessitado.

O caráter histórico da ciência tem de ser, portanto, o eixo da questão perseguido na luta pela organização do conhecimento no ensino de 1º e 2º graus; contra a produção como finalidade do homem abstrato e a favor da capacidade do desenvolvimento do homem como ser social histórico, onde a produção não tenha finalidade em si própria.

Vejamos o pensamento de GORZ, A. (1977) relativo à ciência e aos trabalhadores científicos. A produção social da ciência corresponde geral e predominantemente aos interesses do capital no atual modo de produção, ela se baseia em normas intelectuais e organizativas que fazem parte do critério da comunidade científica, que tem os valores capitalistas incorporados. Dentro desses critérios é que se fazem pesquisas. Essa comunidade é constituída de centros intelectuais de influências diversas, entretanto, ela tende a submeter-se à orientação do capital; a necessidade de novas descobertas subordina-se à hierarquia dos valores da classe dominante, de forma a permitir a reprodução e o reforço dessa dominação.

A nossa concepção de ciência e a maneira como a praticamos são forjadas na sociedade fundada na exploração, desde a definição do científico e do campo da ciência. Dessa maneira, conhecimentos e capacidades, que pertencem às camadas populares não são considerados científicos quando por exemplo, um grupo de amadores, que nunca freqüentou a universidade, constrói um motor para automóvel, utilizando peças feitas à mão, ou seja, a auto-aprendizagem é considerada não científica, porque esse grupo nunca freqüentou universidade. São considerados científicos, os conhecimentos e capacidades na medida em que são

resultado de um ensino formal no sistema escolar, sancionado por diploma e integrados nas relações capitalistas de produção. O que acontece é que a autoridade do conhecimento que a classe dominante detém, tem necessariamente de ser mantida para garantir a estrutura hierárquica da divisão do trabalho. E essa hierarquia tende a permanecer enquanto o conhecimento foi privilégio de alguns e significar posição social.

O trabalho de investigação ou atividade de pesquisa sofreu historicamente o processo da parcelarização, hierarquia das tarefas, inerentes ao trabalho de produção. E essas tarefas têm se realizado de modo repetitivo e rotineiro. Chegamos ao ponto de mais uma mudança qualitativa no desenrolar da história em que a força de trabalho científica é controlada e dominada. É a divisão capitalista da prestação de serviços.

A ciência é submetida ao poder da classe capitalista muitas vezes pelo processo de seleção sócio-política dos cientistas para a ocupação simultânea de cargo administrativo e intelectual nas universidades. A submissão aos limites do sistema vigente por parte dos candidatos aos empregos nesse campo decorre do disciplinamento dos meios utilizados pela universidade: a ideologia da ciência que proclama não ter outro objetivo senão a acumulação de conhecimentos neutros, por meio da competição, e a extrema especialização de cientistas.

Nas condições dessa relação estreita da ciência com a mercadoria e o estado, acentuam-se no pós-guerra as grandes manobras internacionais a respeito do que pesquisar e ensinar, quando também a disciplina militar invade os centros de investigação para estabelecer a orientação e utilizações da ciência. É de se acrescentar que após a 1ª guerra mundial, a militarização da economia é mais um mecanismo utilizado pelo capital para estender os seus lucros provenientes do complexo militar-industrial. E essa militarização traz conseqüências para a indústria, comércio, educação, enfim, para a vida de todos.

Retomando a nossa prática pedagógica-no sentido da interligação da teoria e prática-acreditamos que esse nosso empenho coletivo vai fortalecer nosso esforço teórico-prático nos rumos de

nos situar e atuar enquanto profissionais do ensino de forma imediata e mediata.

Tratando-se, no caso presente, de alunos que em sua maioria massiva já exercem a função de professor ou especialista, a contribuição deles no envolvimento desse projeto foi muito favorável na direção de fazer da pesquisa um momento de aproximação do conhecimento da realidade. A nossa pretensão em termos de duração dessa pesquisa é de cinco anos. Assim, esperamos, essa pesquisa pode proporcionar-nos oportunidade de reelaborar a prática nossa, de modo bastante concreto. A participação desses agentes com compromisso científico-político em projetos, em nosso ponto de vista, obriga-os ao desenvolvimento de habilidade de pesquisar a prática escolar desde já, em busca de saídas alternativas para o enfrentamento dos problemas que a desafiam.

Nessa nossa experiência, tentamos exercitar essa relação da teoria com a prática. E se hoje vivenciamos historicamente essa contradição, acreditamos que estaremos contribuindo historicamente para sua superação dentro e fora da escola com uma Metodologia capaz de democratizar a escola e o ensino público. E pela relação dialética escola-sociedade, essa escola estará contribuindo para a transformação da sociedade, dentro de seus limites.

4. A RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO COM A ESTRUTURA SOCIAL

Sobre essa conexão GURLEY, J. (1976) assim se expressa, a instituição escolar, como a igreja, o Estado e outros processos fazem parte da superestrutura de poder autoritário da estrutura econômica capitalista.

A estrutura social da sociedade é constituída das forças produtivas (meios de produção e força de trabalho), das relações sociais de produção ou relações de classe, e da superestrutura.

Entre as forças produtivas, relações sociais de produção e superestrutura temos um intercâmbio com numerosas relações que ora são condicionantes e ora são condicionadas.

No bojo dessas relações a educação escolar é uma mediação que tem possibilidade de tender para a realização do homem total, partindo das relações capitalistas de classe, se ela contribuir para a mudança de correlação de forças da contradição antagônica fundamental-capital e trabalho-e portanto, para uma nova reestruturação da sociedade para a construção de um homem com uma nova concepção de vida.

A nossa prática pedagógica tem sido perpassada dos fundamentos históricos, econômicos, filosóficos e sociológicos, na direção da reflexão deste texto. As atividades dos alunos estagiários foram várias para o entrosamento e compreensão da vida da escola: apresentação e comentários sobre nosso Projeto com a diretora e diversos membros da escola; leitura e análise do plano de ação do diretor; análise das atas do colegiado e das leis que regem o mesmo, desde sua regulamentação; comparação daquilo que é proclamado em legislação acerca do colegiado, e a construção do colegiado no cotidiano daquela escola; participação como expectador das peças de teatro apresentadas; participação em reunião do colegiado; encontro com os profissionais da educação para falar sobre temas como Municipalização do ensino; discutir com os trabalhadores do ensino sobre a Qualidade do ensino baseando-se em artigos diversos publicados, nas experiências dos estagiários (sempre os temas eram discutidos na universidade e nas escolas); participação, à convite de escola, de banca de gincana. Muitas leituras, e debates entre nós; aplicação de questionários; e outras atividades. Gostaríamos de fazer uma observação: Nessa nossa experiência de estágio escolar, determinadas escolas da cidade estavam de greve. Dessa maneira os alunos estagiaram em escolas de cidades diferentes. E sempre conversávamos sobre a necessidade de organização da categoria para suas diversas reivindicações, e analisávamos a conjuntura econômica e política do país. Todas essas atividades visaram entender o trabalho, a filosofia da escola, se a gestão da educação se dava no nível democrático ou tecnocrático; enfim, para o atendimento aos objetivos da pesquisa, esboçado aqui, num determinado momento do relato de nossa experiência.

Neste próximo semestre, com novos alunos estagiários vamos retomar esses dados do questionário aplicado, os quais foram muito amplos, com as respectivas análises realizadas pelos alunos. E pensamos em nos ater no projeto do diretor da escola, vamos explorá-lo por meio de entrevistas. Em linhas gerais, pretendemos saber como ele foi construído, fazer a análise de conteúdo de cada questão, e analisar as estratégias de efetivação do plano.

No momento seguinte tratamos das grandes correntes filosóficas e a educação, as quais vão mostrar o crescendo de algumas universidades pesquisadas, na luta pela necessidade de democratização de um ensino de qualidade, pela educação plena do homem. Sabemos que é um trabalho "artesanal" das universidades, de juntar forças, contra a solução conservadora da reforma universitária imposta pela política oficial cuja função principal é "preencher os níveis superiores da hierarquia social no desenvolvimento do capitalismo." (GAMBOA, S., 1989, p. 112). A luta entre as concepções de mundo, nas últimas décadas do pós-graduação, parece explicitar, a sua progressiva postura crítica.

5. AS GRANDES CORRENTES FILOSÓFICAS E A EDUCAÇÃO

Vamos abordar esse último item como uma síntese do estudo de GAMBOA, S. A. S. (in.: Ivani C. A. Fazenda - org., 1989) nesse aspecto das grandes tendências atuais. Ele situa como sendo estas, as empírico-analíticas, fenomenológico-hermenêuticas e crítico-dialéticas fundamentado numa pesquisa sobre a produção discente - com uma amostra representativa de 502 dissertações e teses dos cursos de pós-graduação em Educação do Estado de São Paulo. As universidades correspondentes a estes cursos são: PUC - SP, USP, Unimep, Unicamp e UFSCar.

Vejamos a caracterização de cada uma delas, sumariamente, o modelo de análise que propõem com as respectivas visão de mundo. A tendência da abordagem metodológica empíri-

co-analítica enfatiza as técnicas quantitativas, fundadas na concepção de ciência e nas regras do método positivista. A fundamentação destas dissertações ou teses de cunho empírico-analíticas se dá na forma de revisão bibliográfica, a qual apresenta resumidamente os resultados das pesquisas até então desenvolvidas acerca desse tema e com esse parâmetro. As conclusões desse tipo de pesquisa não podem ir além dos dados coletados, observados e controlados, por conta da neutralidade axiológica, nem pode extrapolar as premissas para não invalidar a confirmação conclusiva. O manejo do tema obedece à definição de variáveis organizadas experimentalmente como variáveis independentes ou dependentes, ou sistematizadas como variáveis de entrada, saída, de contexto, ou definidas de acordo com papéis, facetas, funções, ou tidas como indicadores que se apresentam ao mesmo tempo - correspondendo à analítica no seu leque empirista, positivista, sistêmica e funcionalista. As ciências analíticas historicamente foram identificadas numa primeira etapa com as ciências físicas e naturais, e posteriormente foram aplicadas às ciências sociais e humanas, pela influência do positivismo. Os adeptos dessa concepção se interessam pela harmonia das organizações da sociedade, e tem a proposta tecnicista como solução para isso. Daí, os conflitos da sociedade são tidos como problemas técnicos na relação de fins e meios, objetivos e atividades, inadequação e deficiência dos instrumentos e técnicas, etc. Ou seja, os problemas técnicos são a causa dos efeitos problemáticos de nosso mundo. Nesse mesmo grupo, alguns pesquisadores defendem a necessidade de diferenciar a pesquisa da crítica. Os critérios de cientificidade dessa tendência é radicado na racionalidade técnico-instrumental. A concepção de ciências, repetimos, é vinculada à concepção de causalidade. Os pesquisadores utilizam obrigatoriamente as hipóteses e os processos lógico-dedutivos para a verificação, refutação ou falseamento dessas hipóteses. A hipótese passa a ser uma tese depois de ter resistido às refutações. Dentro dessa proposta metodológica a relação do sujeito com o objeto no processo do conhecimento se dá pela centralização no objeto. O conhecimento é garantido pela observação controlada que gera os dados, na formalização desses dados por meio de instrumentos

precisos. A educação dos homens é relativa ao treinamento por meio de estímulos, reforços, sobretudo pela aprendizagem de papéis, de normas sociais e padrões de comportamento que atendam ao interesse da produtividade do capital o desenvolvimento dessa orientação de pesquisa e de visão estática do mundo é decorrente da importação cultural, da composição do corpo docente formado no exterior que realiza uma transposição acrítica de uma abordagem adquirida numa sociedade de desenvolvimento e contexto sociocultural distinto. Mas que por outro lado, essa orientação de nossos pesquisadores vem coincidir com os interesses do capital, e com o modelo de pós-graduação ligado à solução conservadora da reforma universitária. Essa importação predominou na etapa de 1971-76, mas ainda comanda as pesquisas na etapa de 1981-84, conforme nos informa o autor.

Nesse processo histórico surgem novas abordagens que questionam a pesquisa analítica e ganham progressivamente espaço nos centros de pesquisa: a fenomenológico-hermenêutica e crítico-dialética.

Em se tratando do aspecto da técnica, as fenomenológicas destacam as técnicas qualitativas enfatizando suas diferenças com as quantitativas. No entanto as técnicas não se explicam por si mesmas, senão no contexto da abordagem, é aí que elas adquirem dimensões diferentes. A abordagem metodológica fenomenológico-hermenêutica tem como fonte de informações e de dados publicações, textos, documentos, leis, etc, e utilizam técnicas como entrevistas, depoimentos, vivências, análise do discurso e outras. Essa abordagem adota como procedimento inerente ao critério de cientificidade a confiança no processo lógico da interpretação e nas condições do pesquisador de compreender seu objeto de estudo. É a racionalidade prático-comunicativa na pretensão de desvendar o "conflito das interpretações". A visão da realidade é estática, pois na relação sujeito e objeto no ato do conhecimento, o sujeito exerce o papel preponderante, garantindo um processo rigoroso da passagem da experiência fenomênica à compreensão da essência, levando em conta a totalidade. Porém, essa relação do sujeito com o objeto não chega a constituir uma

práxis enquanto atividade material, transformadora e ajustada a objetivos. Essa pesquisa embora tenha o interesse específico na denúncia e na explicitação das ideologias subjacentes nos discursos, textos e comunicação, e ainda uma preocupação em práticas alternativas inovadoras, por outro lado ela atenta mais para o sentido oculto do que com o sentido manifesto, mais para a estrutura interna do que para a aparência fenomênica. Essa abordagem, bem como as crítico-dialéticas não priorizam a relação causal, e a primeira dessas tem uma concepção da causalidade entendida como uma relação entre o fenômeno e a essência. Relativamente à ciência, então, a fenomenológico-hermenêutica tem a interpretação como fundamento da compreensão dos fenômenos, já que a maneira de conhecer os objetos não se dá imediatamente, os fenômenos se fundamentam na essência-mecanismos ocultos. O interesse cognitivo que comanda tais pesquisas é a comunicação enquanto uma necessidade indispensável aos homens na sua relação com seus semelhantes. Algumas pesquisas fenomenológicas colocam o fio condutor da interpretação na história dos fenômenos, na "estrutura encarnada", na dinâmica da realidade. Nas abordagens fenomenológico-hermenêuticas predomina a visão de homem como ser inacabado, e educar é criar condições para o homem ser mais. As propostas fenomenológicas aplicadas à educação surgem no contexto da organização dos cursos de pós-graduação com a vinculação com um grupo de docentes vindos de universidade do exterior. A experiência iniciada na PUC é ampliada para as outras universidades já mencionadas, no Estado de São Paulo. A alternativa fenomenológica é a única no primeiro período 1971-76, mediante a relativa hegemonia das abordagens empírico-analíticas, e é nessa fase que ela exerce sua influência mais forte. E no geral, diminui essa influência na segunda fase, 1977-80 e na terceira fase, 1981-84, com o crescimento aos poucos do fortalecimento das tendências crítico-dialéticas.

O desenvolvimento qualitativo e quantitativo da abordagem crítico-dialéticas é, em parte, resultado da trajetória de alguns docentes de tradição fenomenológica, os quais percebem que o materialismo histórico supera a capacidade de abordar os fenômenos em suas complexidades, quando ele elucida as relações

dos fenômenos com a sociedade, e no caso da educação, ajuda a compreender a dinâmica e as contradições da prática profissional do educador. As pesquisas crítico-dialéticas são marcadas profundamente pelo questionamento da visão estática da realidade, que escamoteia seu caráter conflitivo, dinâmico e histórico, e utiliza categorias fundadas na lógica dialética e nos princípios do movimento e da luta dos contrários. A história é o eixo de explicação e da compreensão científicas: A noção de homem, nas pesquisas dialéticas, é tido como ser social e histórico, capaz de criar e transformar a realidade social (relação dos homens entre si, do homem consigo próprio e do homem com a natureza embora condicionado por contextos econômicos, políticos e culturais. E a educação como espaço de reprodução das contradições que dinamizam as mudanças, pode possibilitar a gestação de novas formações sociais. A relação sujeito e objeto constrói a concreticidade do ato de conhecer. Nesse sentido, a abordagem dialética admite a inter-relação quantidade/qualidade dentro de uma visão dinâmica dos fenômenos, inter-relação do todo com as partes e vice-versa, da tese com a antítese, considera a relação da superestrutura social, política, jurídica, intelectual, etc com a estrutura econômica. Mas todo esse entrelaçamento de aspectos só tem sentido com base na gênese ou história. A concepção de causalidade, nesse caso, é uma compreensão dialética da conexão recíproca dos acontecimentos. Os critérios de cientificidade são baseados na razão transformadora. Na tendência crítico-dialética, a própria ciência como um produto da ação do homem é tida como uma categoria histórica, como uma mediação entre o homem e a natureza; uma forma desenvolvida da relação ativa entre o sujeito e o objeto, num processo em que tanto o homem modifica a natureza, quanto a sua natureza humana é transformada no processo de conhecimento e ação, teoria e prática. A dialética se afirma como um dos métodos mais apropriados, de estudar a escola dada sua relação próxima com esse tipo de interesse cognitivo: a relação educação e sociedade, a relação teoria e prática no exercício profissional dos educadores, a problemática da

ideologia, do poder e da relação da escola com o Estado, etc. A pesquisa dialética como alternativa, visa a avanços na sua síntese na superação das contradições como modelo de análise e como concepção de vida. Assim, ela já conseguiu algumas sínteses: "do conflito objetividade-subjetividade, explicação causal-compreensão fenomênica, predomínio do empírico ou do abstrato formal, quantidade-qualidade, raciocínio hipotético dedutivo ou processo hermenêutico, predomínio da análise (partes) ou da compreensão (todo) etc.," (GAMBOA, S. A. S., 1989, p. 114).

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão deste texto nos aponta para a importância do homem como sujeito da história em qualquer espaço: escolar, do trabalho, enfim em todas as instâncias da sociedade. E para tal, acreditamos, é vital a integração dos três graus de ensino, uma política de projeto nacional, visando a interdisciplinaridade entre os diversos cursos das universidades, uma vinculação da teoria com a prática para quebrar o encadeamento do círculo vicioso que acaba indagando: quem educa o educador. No caso da escola, ela tem de realizar sua autocrítica na construção de todos os envolvidos com a educação, para que ela possa dar a sua parcela de contribuição, que lhe corresponde. Se os sujeitos ativos participam da elaboração do conhecimento e compreendem as relações do mundo em que vivem estes tendem também para o fortalecimento do conteúdo da luta de sua classe, ele entende as implicações geradas no movimento contraditório. E a escola, com o seu caráter mediador, tem de priorizar a metodologia como um dos fatores imprescindíveis à superação de seu atual processo discriminador. Esse método é a explicitação de uma concepção político-social de mundo, de sociedade, de relações sociais. O critério de uma sociedade que só visa o lucro é radicalmente incapaz de decidir sobre as questões sociais, sobre a educação da omnilateralidade do homem.

BIBLIOGRAFIA

- ALVIM, C. M. F. Uma reflexão sobre o método científico. (Palestra apresentada no VI Encontro Nacional dos Estudantes de Química. UFV. 9 a 15 - 01 - 87. (mimeografada).
- CALAZANS, M. J. C. Professor/produtor rural e seus múltiplos trabalhos. *Educação em Revista*, B. H., n. 2, p. 12 - 18, dezembro. 1985.
- FELIX, M. de F. C. **Administração Escolar: um problema educativo ou empresarial?** 3. ed. S. P., Cortez, 1986. 199 p.
- FREDERICK, A. D. & SILVEIRA, M. J. M. da. Ensino noturno nas escolas de 2º grau. *Educação*, Santa Maria, v. II, n. 01/02, p. III - 134, 1986.
- GAMBOA, S. A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. C. A. (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. S. P., Cortez, 1989. 143 p.
- GORZ, A. Caracteres de classe da ciência e dos trabalhadores científicos, Campinas, CAF/UNICAMP, 1977.
- GRAMSCI, A. Teoria. **Obras escolhidas**. Trad. de Manuel Cruz. Lisboa, Editorial Estampa, 1974. v. 1, p. 195 a 198.
- GUIMARÃES, A. M., org. **Dicionário do pensamento marxista**. Trad. de Waltensir Dutra. R. J., Jorge Zahar Editor, 1988. 454 p. (Tradução autorizada da edição inglesa de T. Bottomore).
- GURLEY, J. **Desafios ao capitalismo**. S. P., Ed. Brasileira, 1976.
- HADDAD, S. et alii. O ensino supletivo de 2º grau. **Cadernos de Pesquisa**, S. P., n. 68, p. 62-69, fev. 1989.
- LLANOS, A. **Introdução à dialética**, R. J., Civilização Brasileira, 1988.
- LOVISOLD, H. A educação de adultos entre dois modelos. **Cadernos de Pesquisa**, S. P., n. 67, p. 23-40, nov. 1988.
- MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. Lisboa, Portugal, Editori Riunit, 1966.

MARCHAND, J. Construtivismo chega à arquitetura. **Jornal do Brasil**, R. J., 21. jun. 1992. 1º Caderno, p. 14.

PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. S. P., Cortez, 1987.

REIS, M. I. **Método de produção do conhecimento da realidade no capitalismo monopolista**. São Carlos, UFSCar, 1991. 123 p. (Dissertação).

RIBEIRO, D. Cieps são a única alternartiva, diz Darcy. **Folha de São Paulo**, S. P., 09. out. 1991. 1º caderno, p. 10.

TEIXEIRA, A. S. **A educação e a crise brasileira**. S. P., Nacional, 1956. 355 p.

NOTAS

(1) Com relação à educação e à articulação com a estrutura econômica e a superestrutura, consulte: FELIX, M. de F. C. "Administração escolar um problema educativo" 3ª ed., SP: Cortez, 1986. 199 p. (cap. II, págs. 87, 93 e 94 especialmente).

(2) O conceito de omnilateralidade do homem está amplamente colocado, sobretudo nos Caps.: 3 e 4 de MANACORDA, M. A., 1966.

(3) Acerca das leis da dialética, que trabalhamos no desenrolar desse texto: a lei da unidade e luta dos contários, lei da transformação das mudanças quantitativas em qualitativas, e a lei da negação da negação- Cf. LLANOS, A, 1988.

(4) Para uma verificação de até que ponto andam as discussões acerca dos conceitos de ciência e filosofia a partir de Marx e pleos seus seguidores, consulte: GUIMARÃES, A. M., 1988. Consulte também nesta mesma obra sobre o conceito de educação.